

COMO ESCUTAR NEURÔNIOS HOW TO LISTEN TO NEURONS

*Monah Winograd**

*Nathalia Sisson***

RESENHA DE:

Mark Solms e Karen Kaplan-Solms (2004).

O que é a neuro-psicanálise: a real e difícil articulação entre a neurociência e a psicanálise. São Paulo: Editora Terceira Margem, 127 pp.

A psicanálise constitui um campo do conhecimento que sempre discutiu e estabeleceu conexões com outras ciências. Em diversas épocas, os contatos se deram muitas vezes com a medicina, com a história, a ética e a filosofia, para citar alguns. Embora nenhum desses temas tenha sido abandonado, uma outra interface vem sendo revalorizada há alguns anos e ganhando cada vez mais popularidade. Como uma variante do eterno diálogo – por vezes transformado em duelo – entre a psicanálise, a biologia e a medicina, as pontes estabelecidas entre as neurociências e a ciência do Dr. Freud vêm despertando esperança em alguns e antipatia em outros.

Psicólogos cognitivos e neurocientistas estão cada vez mais pesquisando e “descobrimo” aspectos e eventos que durante muito tempo só constituíram o objeto de interesse dos psicanalistas. No entanto, falta aos primeiros termos para o entendimento da recém-descoberta subjetividade: a neurociência ainda está apren-

* Psicanalista, Especialista em Psicoterapia – UFRJ, Doutora em Teoria Psicanalítica – UFRJ, Pesquisadora Associada (FAPERJ) do Departamento de Psicologia da PUC-Rio.

** Graduada em Psicologia pela PUC-Rio.

dendo a sentir, querer, desejar e se comportar. A psicanálise, por sua vez, estranha todo aparato tecnológico que tenta mapear a mente, porém dispõe de conceitos de sobra para explicar e entender o que durante um século foi estudado apenas por ela: o psiquismo humano e tudo o que é inerente a ele.

Daí uma legião de neurocientistas e psicanalistas estarem tentando realizar o que parece ser o casamento perfeito. No entanto, as tendências do debate muitas vezes têm sido a de justificar a psicanálise através das neurociências, dando à psicanálise um respaldo “científico” que a legitime enquanto prática e enquanto teoria. Tal posicionamento estabelece desde o início uma hierarquia entre as duas ciências e anula o debate, já que as neurociências assumiriam a função de corrigir os conceitos psicanalíticos, impondo-se como modelo a seguir. Para garantir a possibilidade e a integridade de uma cooperação entre as duas áreas, deve-se, antes de qualquer outro passo, definir uma relação de respeito mútuo entre a psicanálise e as neurociências (Winograd, 2005a). Não há necessidade de temor por parte das teorias psicanalíticas, nem estas devem tornar-se adeptas das neurociências sem antes problematizar as questões levantadas. Mas, ainda que seja possível utilizar-se de informações neurocientíficas, não se pode ignorar o “salto metafórico” que é realizado quando mudamos de uma referência teórica e clínica à outra (Campos, 2000).

Surgem, então, questões importantes sobre a possibilidade de união entre a psicanálise e a neurociência: haveria compatibilidade epistemológica entre as duas? A questão seria apenas de objeto de estudo ou de campo conceitual? E como seria possível a articulação das práticas e modos de intervenção de uma e de outra? Juntamente a essas indagações ocorre mais um sem-número de questionamentos, como aqueles ligados à concepção de ciência, de linguagem, o que seria a psicologia e até mesmo a questão da cientificidade da própria psicanálise.

É nesse contexto que está inserido o livro de Mark Solms, em co-autoria com Karen Kaplan-Solms. Ele é neurocientista *Hon. Lecturer* em neurocirurgia em St. Bartholomew e na Royal London School of Medicine, neuropsicólogo clínico e professor de neuropsicologia na Universidade de Cape Town, além de ser membro associado da Sociedade de Psicanálise Britânica, diretor do Centro de neuropsicanálise do Instituto de Psicanálise de Nova Iorque e fundador da Sociedade Internacional de neuropsicanálise. Karen Kaplan-Solms é neuropsicóloga, especialista em patologias do discurso e também é membro da British Neuropsychological Society. A obra, publicada em 2004 pela Editora Terceira Margem, pretende responder a algumas das questões levantadas pelo debate, além de colocar outras tantas.

O livro é composto de três artigos que serviram como roteiro de três palestras ministradas pelo neuropsicanalista na “Iª Jornada Brasileira de Neurociência e Psicanálise”. O primeiro artigo, intitulado “Introdução a uma integração entre a psicanálise e a neurociência”, discute o percurso histórico da psicanálise, as relações de Freud com as escolas de neurologia da sua época e como seu posicionamento frente às diferentes neurologias influenciaram o surgimento posterior da psicanálise. Ainda nesse artigo, apresenta-se e explica-se o método da “localização dinâmica” de Luria, que servirá como base para a abordagem neuropsicológica do próprio Solms na pesquisa apresentada ao final do capítulo, referente à análise dos sonhos.

No segundo capítulo/artigo, “As funções psicológicas profundas do hemisfério cerebral direito”, os autores apresentam ao leitor a “síndrome do hemisfério direito”, explicando os sintomas recorrentes nos pacientes que haviam sofrido uma lesão na convexidade perisylviana do hemisfério direito do cérebro. Em seguida revelam três teorias sobre o funcionamento normal do hemisfério direito, todas neurocientíficas. Após essa introdução, são apresentados quatro casos de pacientes com a “síndrome do hemisfério direito” que receberam atendimento psicanalítico, seguidos de uma discussão sobre os sintomas psíquicos dos casos e relacionando-os à lesão dos pacientes.

O terceiro capítulo/artigo, chamado “Um exemplo de pesquisa neuropsicanalítica: a Síndrome de Korsakoff”, também apresenta um caso clínico, dessa vez de um paciente com Síndrome de Korsakoff. Assim como os outros casos apresentados, esse sujeito passou por um atendimento psicanalítico. Após a apresentação do caso, segue-se uma discussão dos sintomas sob uma perspectiva tanto psicanalítica quanto neurocientífica, seguindo o método proposto por Mark Solms no primeiro capítulo do livro.

O próprio título do livro é bastante pertinente, já que corresponde à pergunta que o termo neuropsicanálise suscita. No entanto, aqueles que esperam um esclarecimento das dúvidas e questões que inevitavelmente surgem ficarão com uma sensação de desconforto após o fim da leitura. Como o livro encontra-se no meio do acalorado debate, não só alguns nós permanecem tão firmes quanto antes, como outros tantos pontos são colocados.

Solms inicia sua exposição chamando a atenção para o *Projeto para uma psicologia científica*, escrito por Freud em 1895, para justificar a necessidade de integração entre neurociência e psicanálise. Também se refere aos *Estudos sobre as afasias*, de 1891, como mais um exemplo da aderência de Freud à escola de neurologia dinâmica. Assim, busca retomar uma relação de parentesco entre as duas ciências que não é muito lembrada pelo movimento psicanalítico. A Psicanálise –

quer os psicanalistas gostem ou não – é filha da neurologia. Freud, quando da criação de sua teoria do aparato psíquico, encontrava-se engajado exatamente na neurologia clínica e na pesquisa científica. Entretanto, uma proximidade histórica não seria suficiente para servir de suporte a essa integração, principalmente quando a psicanálise se distanciou tanto de suas “raízes” durante seu desenvolvimento, marcando sempre que ser herdeira de uma tradição científica não implica ser seguidora ou técnica desta. Ainda assim, não se vê a psicanálise produzir novos conceitos há algum tempo, e nesse sentido as neurociências poderiam ser utilizadas como fonte de inspiração. Por que não?

Porém o importante aqui não é tanto a vizinhança dos saberes, mas sim “as formulações inéditas que vêm aumentando o poder de intervenção sobre a faculdade de pensar” (Winograd, 2005a). O problema, então, torna-se ético.

Sem considerar muito essas questões, o neuropsicanalista propõe, ele mesmo, o resgate de um método – o da “localização dinâmica” de Lúria –, que considera adequado a uma pesquisa capaz de integrar o conhecimento psicanalítico com o conhecimento sobre o cérebro. Pois, segundo o autor, “a causa do fracasso de Freud em integrar seus achados clínicos com a neurociência da sua época não se deveu apenas à insuficiência do conhecimento neurocientífico ao seu alcance pelos idos de 1890, mas também, à ausência de um método adequado que articulasse os dados neurológicos e psicológicos disponíveis” (p. 15). Solms baseia seu método fortemente numa variação do método de correlação anatomoclínica desenvolvido por Lúria após o rompimento deste com o movimento psicanalítico. Em seguida, apresenta uma investigação neuropsicológica dos sonhos, uma análise da “localização dinâmica” dos componentes necessários para o desenvolvimento normal dos processos oníricos. Solms examina os efeitos de cada lesão sobre o processo de sonhar, evidenciando assim de quais formas tal processo pode ser alterado de acordo com cada lesão. Em seguida analisa as síndromes psicológicas que se apresentam junto com as alterações dos sonhos. Assim, o pesquisador pode “isolar o fator subjacente elementar comum a todos esses sintomas, e identificar, conseqüentemente, a contribuição da área lesionada do cérebro para o processo de sonhar como um todo” (p. 34). Finalmente, Solms propõe um estudo das funções dessas regiões do cérebro que aparentemente não participam do processo onírico, para revelar quais funções elementares do aparato mental não se envolvem na construção psicológica dos sonhos.

Tal método permitiria um entendimento da localização funcional “profunda” do cérebro e seu correspondente mental. Em outras palavras, seria possível associar a materialidade do cérebro com a produção psíquica humana, que tem como característica principal ser metafórica, imaterial.

A psicanálise é, então, responsável pela investigação dos efeitos das lesões cerebrais no aparato psíquico do sujeito. Ou seja, parece que ela se faz necessária para suprir um déficit clínico existente na neurociência e porque deseja estabelecer uma correlação entre os conceitos psicanalíticos e as hipóteses e verificações neurocientíficas. Para isso, Solms propõe uma investigação psicanalítica completa dos pacientes com lesões neurológicas focais, a fim de mapear a “organização neurológica dos estratos mais profundos da mente” (p. 41) baseado nas mudanças mentais que ocorrem nesses pacientes. Dessa forma, seria possível uma correlação *direta* entre os fenômenos psicanalíticos e os fenômenos neurocientíficos.

Novamente, esbarra-se na questão ética, pois a clínica, para a psicanálise, apresenta-se tanto como o tratamento, quanto como o método de investigação por excelência. Não é possível separá-los, e qualquer investigação que se suponha psicanalítica deve obrigatoriamente considerar apenas o material oriundo de um tratamento realizado em um *setting* psicanalítico. O método neuropsicanalítico não seria, então, mais do que uma superposição simplista e questionável dos métodos psicanalíticos e neurocientíficos, sendo a ênfase posta mais na investigação psicanalítica, enquanto o tratamento é colocado em segundo plano.

Dessa forma, outra pergunta que inevitavelmente surge durante a leitura dos casos clínicos apresentados é: em que difere o atendimento psicanalítico do atendimento neuropsicanalítico? As sessões apresentadas são psicanalíticas, e a partir do levantamento das dinâmicas inconscientes da patologia de cada sujeito o autor estabelece paralelos com os aspectos cognitivos da lesão cerebral. O narcisismo estaria relacionado com a região temporoparietal direita, a repressão com o hemisfério direito do cérebro e, conseqüentemente, a resistência também. Igualmente, a introjeção como mecanismo de defesa poderia ser relacionada com o mesmo hemisfério. A associação dos danos cerebrais com a estrutura psíquica do paciente marcaria a dinâmica de cada sintoma em cada paciente, mesmo com a mesma base anatômica, física. Assim, lesões iguais podem apresentar sintomas diferentes.

Apesar de essas correlações serem bastante originais e interessantes, elas trazem consigo o perigo de um esvaziamento do sujeito, caso sejam mal trabalhadas ou mal interpretadas. Afinal, é tentador considerar uma relação de causa e efeito entre dois fenômenos que na realidade se apresentam paralelamente. O pensamento seria, mais uma vez, uma “secreção cerebral”. Cabe então à psicanálise perguntar sem cessar à neurociência: qual a imagem de pensamento proposta?

Finalmente, o livro de Mark Solms apresenta uma proposta de método, de técnica, sem discutir ou considerar as questões concernentes à conduta e aos princípios de cada ciência. Assim, sua neuropsicanálise aparece como uma superposição de métodos e de conceitos e acaba por alternar entre uma perspectiva neuropsico-

lógica e uma perspectiva psicanalítica, sem, no entanto, considerar as implicações de suas conclusões para nenhuma das duas referências teóricas, que são, cada uma, bastante amplas.

O trabalho marca, acima de tudo, o problema da hierarquização entre a neurociência e a psicanálise, e o conseqüente risco de um reducionismo, caso tal junção não se faça respeitosamente. As diferenças e as discordâncias entre os dois campos vêm sendo mapeadas e discutidas constante e intensamente, e boa parte da riqueza e das possibilidades dessa interface advém mais dessas discussões do que do fechamento de um sistema ou de uma nova disciplina com um nome que, apesar de revelar de onde vem, é falsamente explicativo.

Dar um cérebro ao sujeito da psicanálise pode ser extremamente enriquecedor e válido, desde que esse órgão não se torne a base única sobre a qual se dão e da qual se originam todos os processos psicológicos do sujeito – objeto de estudo da psicanálise. Pois isso seria o mesmo que destruir toda a alteridade que, não só é fundamental para a psicanálise como foi o que Freud defendeu desde o início de seu trabalho teórico, desde que seu aparelho de linguagem apresentado nos *Estudos sobre a afasia* “transborda seus próprios limites para se constituir no primeiro modelo de aparelho anímico” (Garcia-Roza, 2004: 68).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Campos, F. S. (2000). Um pequeno mapa das desleituradas. *Cadernos do IPUB*, VI, 18, Rio de Janeiro.
- Garcia-Roza, L. A. (2004). *Introdução à metapsicologia freudiana* (vol. 1, 6ª ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Winograd, M., (2005a), *Psicanálise e neurociência: condições para o debate*. Trabalho apresentado no Congresso Norte-Nordeste de Psicologia, 2005, Salvador. Anais do IV CONPSI, 2005 (http://br.geocities.com/materia_pensante/entrada_artigos.html).
- Winograd, M., Landeira-Fernandez, J., Sollero, F. (2005b). Quem tem medo da neurociência?. *Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21, 1. Brasília.

Recebido em 18 de janeiro de 2006

Aceito para publicação em 20 de março de 2006